

---

## O Missal de Lorvão

ANTT, Lisboa - Casa Forte L. 154

HORÁCIO AUGUSTO PEIXEIRO

Escola Superior de Tecnologia, Tomar

**O** MISSAL de Lorvão<sup>1</sup> está hoje depositado no ANTT com a cota: Casa Forte, L. 154, em razoável estado de conservação. Consta de 334 fls., mais dois de guarda, profusamente iluminados com dezenas de iniciais historiadas e treze iluminuras independentes, para lá de abundante e delicada filigrana. «Pertenceu ao Mosteiro de Lorvão e d'ahi foi recolhido pelo antigo Director do Archivo Senhor José Manuel da Costa Basto»<sup>2</sup>. Obra luxuosa por via da solene empaquagem de amplas margens, do rico e abundante ornato, da presença frequente do ouro, do suporte bem tratado, tem atraído a atenção dos estudiosos, sendo geralmente considerado de produção nacional; as pouco mais de meia dúzia de «cenas agrícolas» ou «campestres» representadas no Calendário introdutório

levaram alguns a conjecturas ou a conclusões que outros aproveitaram estabelecendo paralelo com o *Apo-calipse* do monge Egas<sup>3</sup>. Não se descortina outro motivo para esta atribuição.

Quanto à datação, a historiografia nacional oscila entre o século XV, data aposta a lápis no verso do plano de rosto da encadernação, e os finais do século XIV, sendo uma única vez imprecisamente datado no século XIII<sup>4</sup>.

Uma observação atenta leva-nos a considerar o códice em apreço singular no contexto da produção de livros iluminados não só no *scriptorium* de Lorvão mas igualmente em Portugal. Semelhante a ele, apenas se podem encontrar entre nós duas bíblias: uma na BPAD, Évora — Cod. CXXIV/1-3 — e a outra no ANTT, Lisboa Casa Forte 137, do antigo Armá-

rio dos Tratados, n.º 50 — cuja origem, tal como a deste missal, deverá ser questionada. Dada a ausência de subscrição ou de outra qualquer referência escrita ou documental, restamos o códice com a sua identidade própria, o seu conteúdo textual e formal, as suas técnicas de produção, a sua iconografia.

### A procedência

O *Missal de Lorvão* é um missal plenário incompleto<sup>5</sup> de tradição cisterciense pelo seu santoral<sup>6</sup>, pela importância dada às festas de São Bento, de São Bernardo<sup>7</sup> e da Virgem Maria, como convém a um calendário de Cister.

Certo é, também, que terá sido feito originariamente para um mosteiro feminino, como se pode inferir da inclusão do ritual da Consagração das Virgens e ainda pelo raro formulário do «*Orate frates*» que implica a presença predominantemente feminina na celebração litúrgica já que o celebrante diz: «*Orate frates et sorores* [...]»<sup>8</sup>.

O destinatário inicial do códice poderá ter sido o mosteiro de Lorvão caso se possa datar após 8 de Julho de 1211, altura em que é ocupado definitivamente por uma comunidade feminina cisterciense, mudando, então, não só de observância mas também de Padroeira<sup>9</sup>.

Permanece, contudo, a dúvida sobre a sua proveniência. Alguns

aspectos formais podem servir-nos de indício:

- As letras historiadas e as cenas independentes têm, em geral, um fundo azul ultramarino ou dourado, ornado com pequenas volutas brancas caligráficas;
- as figuras têm um tratamento característico, sendo delimitadas, em geral, por contornos a preto ou azul escuro e com um penteado de ondulações paralelas na barba e no cabelo;
- as ramagens que se estendem pelas margens no prolongamento das iniciais, têm a forma de folhas lanceoladas e enroladas, pintadas a rosa pálido, matizado com encarnado, alternando com azul claro, rematadas com um traço fino e um pequeno disco de ouro.

Não é difícil verificar, utilizando o método comparativo, que estas são características típicas da iluminura bolonesa do período deste missal<sup>10</sup>. O ar bizantino, que se acentua no século XIII e continua no XIV, visível na «jovialidade luxuriante do colorido» ou no tratamento dado às figuras<sup>11</sup>, é marcante da iluminura italiana e está patente no códice lorvanense.

Observem-se, ainda, alguns elementos da sua vasta iconografia. O calendário iluminado com os trabalhos dos meses, de temática seme-

lhante a outros, permite-nos aproximar ainda mais das origens italianas. Repare-se nas semelhanças da representação das árvores com a do *Gradual* da Biblioteca Estense de Modena, muito frequente nos códices bolonheses e presente também nos frescos do *Trecento*<sup>12</sup>. A cena do mês de Julho, a malha do trigo com o mangual, tem paralelismo com o mesmo tema do *Livro de Horas* da Biblioteca Comunale de Forli, ms. 853. Atente-se, também, no interessante escorso da cena dos tanoeiros, no mês de Agosto, frequente na iluminura e pintura do século XIV<sup>13</sup>. A solidez das figuras, sem ondulações em S, redutíveis a figuras geométricas estáveis, predominantemente paralelepípedos e cilindros, evocam os princípios giottescos da construção das figuras e das cenas.

Própria das regiões de Florença e Bolonha é a representação do tema da Assunção: conhecida por «*Madonna della cintola*», a Virgem é elevada num sudário por dois anjos enquanto deixa cair o seu cinto, sinal, para o incrédulo S. Tomé, da sua subida aos céus.

A representação da coroa de Santa Helena, fl. 252r, presente também em várias figuras coroadas das Bíblias de Évora, Cod. CXXIV/1-3, e do ANTT, CF 137, por certo da mesma escola e da mesma época do *Missal de Lorvão*, a arquitectura da prisão de São Pedro, fl. 220v, a representação da Trindade, fl. 79r, a forma das letras iniciais com uma pérola divi-

dindo a haste vertical ao meio, são inequivocamente de tipo italiano<sup>14</sup>. Se a isto se acrescentar que o códice é escrito em letra gótica *bonnoniense*, então será permitido pensar que as semelhanças do *Missal de Lorvão* com os códices italianos, nomeadamente da escola de Bolonha, não deverão ser meramente acidentais.

Mas a sua procedência bolonesa poderá ser definitivamente provada caso se admita que o bispo assinalado no precónio pascal, Uberto, é o que se indica na *Hierarchia Catholica* como sendo bispo de Bolonha de 1302 a 1322<sup>15</sup>.

### A datação

É pouco preciso o critério de datação pelo tipo de letra, mormente em obras como esta que utilizam uma letra de forma bem desenhada. Contudo, poder-se-á dizer que esta *littera bonnoniense* pode situar-se no século XIV.

A encadernação aponta para um período avançado do século XIV já que apresenta tábuas de madeira biselada e articuladas segundo o sistema semi-sigmático C, com pequenas seixas<sup>16</sup>. Estes critérios, utilizados para a encadernação alcobacense, terão, eventualmente, de ser ajustados em situações diferentes como esta. Pode, contudo, admitir-se a possibilidade duma reencadernação, utilizando os mesmos furos e sem novo aparo, nos finais do

século XIV, princípios do século XV. Este argumento não é, pois, conclusivo.

O tipo de iluminura, tanto das letras filigranadas como das ramagens das letras historiadas, aponta para finais do século XIII, ou primeira metade do século XIV<sup>17</sup>. A representação de Cristo Crucificado do fl. 79r, que integra a figuração da Trindade, pode ser situada na primeira metade do século XIV e na Itália, onde a utilização do supedâneo retorna, então, endireitando a figura do Crucificado, com os joelhos pouco flectidos, seguindo uma linha giottesca, com o *perizonium* mais curto e transparente à maneira das representações italianas do *Trecento*<sup>18</sup>. As representações da Virgem Maria conservam ainda a majestade que procede da concepção bizantina<sup>19</sup>, sendo a Natividade ainda de tipo sírio, com a figura reclinada que apenas desaparece no século XV<sup>20</sup>.

O vestuário representado, se bem que em grande parte «arqueológico», e as armas fornecem, também, algumas indicações ainda que pouco precisas: a casula, que aparece nas fls. 138r e 293r, um pouco curta e redonda à frente, situa-se no século XIV<sup>21</sup>; as espadas dos fls. 205r, 209r e 244r são semelhantes às utilizadas no século XIV<sup>22</sup>.

Finalmente, se se atender ao Santoral, pode verificar-se que inclui as festas de Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerónimo que V. Leroquais situa, no calendário

cisterciense, em 1300. A festa do Corpo de Deus, que aparece no mesmo calendário, segundo o mesmo autor, à roda de 1318<sup>23</sup>, está aposta no fim do missal com letra semelhante, sem iniciais nem qualquer outro ornato. Sendo um acrescento, dadas as semelhanças da letra, deveria ter sido feito muito próximo da execução do restante missal, eventualmente seguindo um modelo que não comportasse ainda a referida festa. A datação do *Missal de Lorvão* deverá, pois, situar-se no primeiro quartel do século XIV. Sendo assim, podemos considerar que o bispo Uberto, referido no precónio pascal, é o mesmo que pontificou em Bolonha de 1302 a 1322. Se atentarmos em que, na mesma peça litúrgica se nomeia, também, o papa Clemente, podemos datar este códice, com mais precisão, entre 1305 e 1314, período em que decorreu o seu pontificado.

### Concluindo

Escrito em pergaminho bastante fino e bem tratado, este missal apresenta-se como um livro solene, digno dum importante e rico mosteiro como Lorvão. É o que nos sugere a sua empaginação: duas colunas de texto com um razoável inter-colúnio e um vazio quase perdulário das suas margens. Lorvão parece estar longe, contudo, da possibilidade de execução dum códice desta envergadura. A regularidade da construção

dos cadernos, a meticulosa programação dos diferentes espaços do texto e do ornato e também do vazio, atestam, para lá duma intencionalidade funcional e estética, a necessidade não só duma mente organizadora como também duma oficina bem apetrechada para levar a bom termo a complexidade das tarefas, determinando a regular inserção do texto, prevendo no espaço do texto o espaço do ornato, impondo ordem, enfim, segundo um programa e um modelo bem definidos. Obra de elaboração complexa, executada por artífices especializados em cada tarefa, e luxuosa como o prova, também, a presença abundante do ouro e da variada policromia, implicou, pois, uma técnica apurada só possível numa oficina ou *scriptorium* completos.

Comparativamente, os códices de Lorvão apresentam, para todo o século XIV, iniciais com grandes manchas coloridas, com motivos geométricos e vegetais estilizados e alguma filigrana de traços grosseiros, como pode ver-se no *Evangelário de Lorvão* — ANTT, Lisboa Casa Forte 100 —, escrito em rude e defeituoso pergaminho. Os séculos XV e XVI prolongam o gosto geometrizar e vegetalista sem grandes primores. O *Antifonário* — ANTT, Lisboa Casa Forte 98 — datado de 1451, encomendado por Inês Lourenço Machada<sup>9</sup> provavelmente a artista exterior ao mosteiro, evidencia, ainda, o carácter arcaizante da iluminura das iniciais,

ao mesmo tempo que aponta para um *scriptorium* praticamente inexistente.

É, pois, patente a escola italiana neste missal, singular no contexto da produção lorvanense, que poderá ter sido utilizado no mosteiro desde o primeiro quartel do século XIV, logo após a sua execução.

A hipótese de encomenda, que não seria a única, para o mosteiro donde foi recolhido, permanece de pé, ficando, contudo, por explicar por que não deixou traços na iluminura do seu *scriptorium*, já que a produção de Lorvão durante os séculos XIV e XV, como se disse, a avaliar pelos exemplares conhecidos, era pobre e nada tem a ver com aquela filigrana, aquelas ramagens ou aquela figuração consistente e giottesca, iluminura elegante, mas sóbria. Só em finais do século XV o gosto italiano, já renascentista, veiculado pela encomenda à oficina florentina dos Attavanti e pela circulação de gravuras, se começa a fazer sentir entre nós.

## Notas

<sup>1</sup> Em dissertação de mestrado, sob a orientação do Sr. Prof. Doutor Artur N. de Gusmão, ainda inédita — *Missais iluminados dos séculos XIV e XV. Contribuição para o estudo da iluminura em Portugal* 1986, pp. 285-383 — estudei este missal com alguma minúcia. Este novo texto abordará apenas a história do códice utilizando sensivelmente a mesma argumentação então apresentada.

<sup>2</sup> Pedro AZEVEDO; António BAIÃO, *O Archivo da Torre do Tombo*. Lisboa, 1905, p. 74.

<sup>3</sup> Pedro AZEVEDO; António BAIÃO, *Op. cit.*, p. 75. Referindo-se às cenas do calendário, os autores afirmam: «Pelas scenas agrícolas, assim representadas, podemos conjecturar que este códice foi iluminado no nosso paíz, mas mais nenhum indício temos disso».

Júlio DANTAS, «O *Apocalipse* de Lorvão: iluminura proto-mudéjar portuguesa», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Lisboa, S. 2, 1, 1920, p. 182-187, ao referir-se à célebre representação da ceifa e da vindima do *Apocalipse* de Lorvão, diz: «Esta página, conjugada com as iluminuras do Calendário do *Missal Antigo* de Lorvão (século XIV), especialmente as referentes a Junho, Julho, Setembro, Outubro e Novembro, dá-nos a impressão, quanto possível perfeita, da vida rural portuguesa na Idade Média».

No seu importante estudo, Adriano de GUSMÃO, «Os primitivos e a Renascença», in João BARREIRA, *Arte Portuguesa: Pintura*. Lisboa, s.d., p. 114-116, considera prudentemente a «obra presumivelmente portuguesa», não acrescentando outros argumentos aos apresentados pelos autores anteriormente citados.

Recentemente Pedro DIAS, *História da Arte em Portugal — O Gótico*. Lisboa, Alfa, 1986, v. 4, p. 145, escreve a este propósito: «são muitos os manuscritos iluminados que se conservam em Portugal e que se podem datar do século XV. [...] Dos que saíram das mãos de artistas portugueses, há a salientar alguns, dos quais o mais curioso de todos talvez seja o *Missal Antigo* de Lorvão, com grande representação de cenas campestres, posto que rudes e arcaizantes».

O mesmo autor, no catálogo da Europália, 1991, *Feitorias*, p. 219, no comentário à fig. 117 escreve: «*Ce missel en parchemin, qui contient 331 feuillets, appartient au monastère de Lorvão où, très probablement, il fut exécuté [...]*»

<sup>4</sup> Cf. António José SARAIVA, «A cultura», in *História de Portugal*. Dir. Hermano SARAIVA. Lisboa, Alfa, 1983, v. 3, p. 334.

Adriano de GUSMÃO, *Op. cit.* 110, indica o século XV com interrogação.

Sobre este assunto, ver também a nota 3.

<sup>5</sup> Falta o primeiro volume que deveria conter o Próprio do Tempo do Advento à Quaresma, e o Santoral dos meses de Dezembro a meados de Março.

<sup>6</sup> Cf. Victor LEROQUAIS, *Les bréviaires manuscrits des bibliothèques publiques de France*. Paris, Macon, Protat Frères, 1934, v. I, p. XCIX.

<sup>7</sup> A festa de S. Bento tem uma das principais iluminuras, onde o santo abade está rodeado por monges brancos, um deles S. Bernardo, segundo o *titulus* existente na margem de pé. A festa de S. Bernardo tem tratamento especial, pertencendo ao grupo das festas mais importantes com duas iniciais historiadas. Veja-se, ainda, o relevo dado a estes dois santos na oração do fl. 299r: «*A cunctis nos quaesumus domine mentis et corporis defende periculis. et intercedente beata et gloriosa semper virgine dei genitrice maria, cum beatis apostolis petro et paulo atque beato benedicto et beato bernardo et omnibus sanctis salutem nobis benignus et pacem [...]*»

<sup>8</sup> Cf. o fl. 130r. As pequenas variantes nos formulários litúrgicos foram frequentes pelo menos até ao Concílio de Trento. As ordens religiosas, com os seus costumeiros, contribuíram para uma maior fixação dos textos. Contudo, só o *Missale Romanum* de S. Pio V (1570) veio estabelecer os formulários oficiais, inalteráveis até ao Concílio Vaticano II. (Cf. Dom B. BOTTE, «Rites et familles liturgiques», in MARTIMORT, *L'Église en Prière: Introduction à la Liturgie*. Paris, 1965, p. 39-44).

<sup>9</sup> No códice lorvanense do ANTT, com a cota Casa Forte L. 98, um antifonário, impropriamente designado «Resposos de Canto-Chão ou Santoral», encontra-se a seguinte subscrição: «A muito honrada e uirtuosa emnobricida em uirtudes ines lourenço machada. mandou fazer este liuro aa honra de deus e dos seus sanctos pera seruiço do mosteiro de sancta maria de loruaao. ffecto na era do nacimiento de mil e quatrocentos e cinquenta e um annos e pollo dicto liuro deu dous marcos e meo de prata».

<sup>10</sup> Cf. Paul d'ANCONA, *La miniature italienne du X<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*. Paris, 1925, p. 14 e 15.

<sup>11</sup> Cf. Paul d'ANCONA, *Op. cit.*, p. 2 e 12.

<sup>12</sup> Veja-se, nomeadamente, a vasta documentação iconográfica apresentada em Alessandro

CONTI, *La Miniatura Bolognesa: Scuole e Botteghe, 1270-1340*. Bologna, 1981.

<sup>13</sup> Atente-se, a título de exemplo, na cena das exéquias de S. Francisco, fresco de Giotto na igreja de Santa Croce de Florença.

<sup>14</sup> Veja-se a documentação iconográfica em A. CONTI, *Op. cit.*; Paul d'ANCONA, *Op. cit.*; Mario SALMI, *La Miniatura Italiana*. Milano, 1954, e ainda o catálogo *Dix siècles d'enluminure italienne, VI<sup>e</sup>-XVI<sup>e</sup> siècles*. Paris, Bibliothèques Nationales, 1984.

<sup>15</sup> Cf. Conradum EUBEL, *Hierarchia Catholica Medii Aevi [...] Ab anno 1198 usque ad annum 1431*. Monasterii, MDCCCXIII, p. 140. Na mesma página refere-se, em nota, que o bispo Uberto foi sagrado em 20 de Agosto de 1303.

<sup>16</sup> Cf. Aires do NASCIMENTO e outro, *A encadernação portuguesa medieval — Alcobaça*. Lis-

boa. INCM, 1984, p. 44. O aparecimento de seisas e o recorte biselado da tábua, que implica o sistema de articulação utilizado, são sinais, pelo menos para Alcobaça, segundo os autores, de que a encadernação é dos finais do século XIV.

<sup>17</sup> Cf. Paul d'ANCONA *Op. cit.*, p. 14-20.

<sup>18</sup> Cf. Paul THOBY, *Le Crucifix des origines au Concile de Trente*. Nantes, Bellanges, 1959, p. 182-185.

<sup>19</sup> Cf. Maurice VLOBERG, *La Vierge et l'Enfant dans l'art français*. Paris, Arthaud, 1954, p. 108.

<sup>20</sup> Cf. Maurice VLOBERG, *Op. cit.*, p. 23-36.

<sup>21</sup> Cf. Gastão de Melo de MATOS, «Arma-mento», in *Dicionário da História de Portugal*. v. 1, p. 189-193.

<sup>22</sup> Crf. V. LEROQUAIS, *Op. cit.*, p. XCIX.

speaking Bantu in Africa. It covers an area of 1,200,000 sq. km and is composed of eight provinces. It is bounded to the North and to the East by Zaire, to the East again by Zambia and to the South by Namibia. It has a tropical climate. The interior plateau provinces of Bio, Huambo and Huíla have the same climate. In the North-West and North-East, and in the Eastern and Southern provinces, high temperatures and heavy seasonal rainfall are

Angola is a population estimated to be 5,989,500 according to the last census which was carried out in 1986. The Angolan population is young as 42 per cent is under 15 years, and only 4 per cent is over 60. The average life expectancy is about 41 years. Angola has considerable ethnic groups as: Ovimbundu, Mbundu, Kongo, Lunda-Tchokwe and Nganguela. All these ethnic groups are Bantu. The non-Bantu (Buchimane) form a minority of the population.

Portuguese is the official language, although eleven major dialects (Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Lunda-Tchokwe, Nganguela, Nhaneca-Humbe, Ambo, Herero, Hotentote-Buchimane, Vata and Xindonga) are spoken by 90 per cent of the population. Luanda, the

\* Texto parcial de uma apresentação para obtenção do Diploma de Pós-graduação em Library and Information Studies, Universidade de Botswana. A organização do presente texto é da responsabilidade dos autores e não o acordo da autora. A lista existe no Directorato de BAI.